

Mulheres negras unidas pela força e pelo sofrimento



Um dia para destacar as desigualdades, o sofrimento, a dor. Mas, principalmente, um dia para gritar ao mundo a força das mulheres negras, das indígenas, das oriundas de comunidades tradicionais. O 25 de julho marca o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha.

E, no Brasil, o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, homenageando uma das principais mulheres, símbolo de resistência e importantíssima liderança na luta contra a escravidão. A data, reconhecida em 2014 por meio da lei 12.987, celebra essas mulheres e busca dar visibilidade às suas lutas.

Relatório elaborado pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR), divulgado em setembro passado, mostra um Brasil de maioria negra: 119,75 milhões de brasileiros e brasileiras ou 56% da população total. As mulheres negras são 60,6 milhões, 28% da população total.

De acordo com a Associação de Mulheres Afro, na América Latina e no Caribe, 200 milhões de pessoas se identificam como afrodescendentes. A parcela da população mundial que mais sofre com a pobreza, a desigualdade e a violência. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), dos 25 países com os maiores índices de feminicídio do mundo, 14 ficam na América Latina e no Caribe.

“Daí a importância dessa data”, ressalta o secretário de Combate ao Racismo da Contraf-CUT, Almir Aguiar. “Em 1992, um grupo decidiu que era preciso se organizar para denunciar a exclusão que atinge essa gigantesca parcela da população em todo o mundo. Assim foi realizado o primeiro Encontro de Mulheres Negras Latinas e Caribenhas, em Santo Domingo, na República Dominicana. De lá para cá, no dia 25 de julho, eventos em diversos países discutem os problemas que atingem essas mulheres e formas de atacar essa desigualdade e injustiça social. Uma ação fundamental da qual a Contraf-CUT se orgulha em fazer parte.”

Se as mulheres negras são vítimas de ataques e exclusão Brasil afora, a situação não é diferente para umas das mais importantes parlamentares brasileiras, símbolo dessa luta no país. Benedita da Silva, deputada federal (PT-RJ) eleita por cinco mandatos, foi chamada pela deputada Carla Zambeli (PL-SP) de Chica da Silva.

Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, foi uma mulher escravizada do século 18 que obteve alforria e rompeu barreiras sociais ao se tornar uma figura proeminente e poderosa em Arraial do Tijuco, atual Diamantina, em Minas Gerais. Sua história inspirou livros, filmes e novelas, uma delas protagonizada pela atriz Zezé Motta.

Tendo no currículo cargos como o de primeira senadora negra do Brasil (1995-1998), ex-governadora do Rio de Janeiro (2002-2003), ministra da Assistência e Promoção Social (2003-2007), Benedita recebeu amplo apoio da população, de parlamentares e do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. “Benedita da Silva é exemplo de fé, muito trabalho e amor pelo povo brasileiro.”